Aula 9

O JAPÃO E SEU ENTORNO REGIONAL:
PERSPECTIVAS FUTURAS

META

Compreender as questões que estão postas relacionadas à inserção do Japão, país desenvolvido do continente asiático, na ordem internacional contemporânea.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
entender qual o papel desempenhado pelo Japão na nova ordem internacional, tanto do ponto de vista político, como também econômico e cultural.

PRÉ-REQUISITOS

Aula 1 – A formação histórico-estrutural dos Países Centrais e a relação com a evolução do capitalismo.

Sônia de Souza Mendonça Menezes
Genésio José dos Santos

INTRODUÇÃO

Fazendo uma síntese da aula anterior, percebemos que num intervalo de pouco mais de um século, o Japão protagonizou duas das mais impressionantes transformações nacionais em toda a história. Até a metade do século XIX, o referido país se recusava a manter qualquer tipo de contato com o mundo exterior e mantinha um sistema social muito semelhante ao feudalismo vivenciado pelos europeus naquela época. Só se abriu ao comércio internacional temendo as ameaças dos Estados Unidos de invadir o seu território e massacrar com suas armas potentes o povo japonês (História Viva, 2008).

Durante a Era Meiji, como lemos na aula anterior, o Japão viveu uma rápida ocidentalização e em algumas décadas, o país se industrializou, reformou suas estruturas políticas e adotou novos costumes, dentro dos ditames impostos pela modernidade capitalista dos norte-americanos, ingressando como a grande e única potência militar e econômica do mundo oriental ou asiático.

Lemos também que, esse rápido processo de modernização e ocidentalização do país, estimulou as ambições imperialistas da elite japonesa, que se lançou numa incansável e insaciável expansão territorial que só foi interrompida com a desastrosa participação na Segunda Guerra Mundial, onde foi derrotado, tendo assim, que engolir de forma silenciosa e humilhante o domínio e as determinações auferidas pelos norte-americanos dos Estados Unidos, a grande potência capitalista desse novo mundo, surgido logo após a Primeira Guerra Mundial.

Mas, conta a história japonesa, o povo desse país não se deixou abater e em pouco tempo, recuperou a auto-estima, surpreendendo o mundo com o processo de desenvolvimento prodigioso, e no final dos anos 60, o Japão era motivo de admiração e inveja pela prosperidade econômica, pela vanguarda tecnológica e pelos altos índices de bem-estar social (História Viva, 2008).

Para melhor entendimento desse conteúdo iremos acompanhar o raciocínio de Fuser (História Viva, 2008), ponto por ponto e parágrafo por parágrafo, no tocante ao espantoso crescimento do Japão no pós-guerra e durante todo o período chamado de "Guerra Fria", assim como, das decisões estrategicamente corretas priorizando a educação e a ativa presença do Estado na sua economia.

Consideremos que o desenvolvimento do Japão na segunda metade do século XX é um dos episódios mais impressionantes da história econômica mundial. Quando as tropas norte-americanas ocuparam o país, no outono de 1945, a sociedade japonesa estava à beira do colapso. Os desempregados somavam mais de dez (10) milhões, num contexto de inflação descontrolada. Nos anos seguintes, enquanto os emissários norte-americanos, dos Estados Unidos, se dedicavam a redefinir as estruturas políticas e sociais do Japão, os sucessivos governantes locais tentaram, em vão, superar a crise econômica

vivenciada. A inflação devastadora só começou a ser colocada sob controle após um draconiano programa de austeridade elaborado pelo banqueiro norte-americano JOSEPH M. DODGE, trazido de Detroit (Estados Unidos) para trabalhar como conselheiro das autoridades da ocupação. Essas medidas ajudaram a deter a inflação, mas o país pagou um preço elevado, com o agravamento do desemprego e uma grande quantidade de falências.

Por incrível que possa parecer, foi uma nova guerra, a da Coréia, iniciada em junho de 1950, que resgatou o país da crise, graças à inesperada demanda que o conflito criou para os produtos japoneses. A empresa automobilística Toyota, por exemplo, corria o risco de falir quando foi salva pela primeira encomenda de caminhões do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. E o mesmo aconteceu com muitas outras companhias. O aumento das exportações – combinado com a indexação da moeda japonesa, o iene, ao dólar americano – abriu o caminho para o acelerado crescimento econômico. Entre 1950 e 1973, o PIB (Produto Interno Bruto) japonês cresceu à média espetacular de 10,5% ao ano, uma taxa muito superior à de todas as outras nações industrializadas do mundo desenvolvido.

O Japão se tornou o líder mundial em uma variedade espantosa de produtos – artigos de cozinha, máquinas fotográficas, instrumentos musicais, aparelhos de rádio, televisores, motocicletas, produtos elétricos, entre outros. O ingresso dessas mercadorias, baratas e de boa qualidade, deixou em segundo plano a indústria suíça dos relógios e os produtos ópticos alemães, além de praticamente afastar do mercado os fabricantes ingleses e americanos de motocicletas. Um caso excepcional é o da indústria naval. Antes do final da década de 50, os estaleiros japoneses já estavam produzindo mais da metade da tonelagem mundial lançada ao mar.

O fim dessa guerra (Coréia), em 1954, provocou apenas uma ligeira queda no ritmo de crescimento japonês, que logo recuperou a velocidade e se manteve inalterado até a "crise do petróleo", deflagrada pelo drástico aumento dos preços dos combustíveis pelos integrantes da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), em 1973. Em termos comparativos, a economia japonesa representava 5% da americana em 1955 e se situava muito abaixo dos principais países europeus. Dezoito anos depois, em 1973, o PIB (Produto Interno Bruto) japonês alcançava quase um terço do total americano e sua economia era a terceira do mundo em tamanho, superada apenas pela dos Estados Unidos e da União Soviética.

JAPÃO: UMA POTÊNCIA INCOMPLETA?

Para muitos estudiosos o Japão era considerado apenas uma potência econômica pois não dispunha de um corpo militar ofensivo e tampouco de armas nucleares e na visão dos próprios japoneses, apesar do crescimento acelerado do pós-guerra, o Estado Japonês nunca assumiu seu peso geopolítico no cenário mundial. Para termos uma idéia de sua importância para o mundo,

a Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada em 1945 e o Japão só foi aceito como membro em 1956, depois de ter saído da tutela norte-americana que impunha a reconstrução do país segundo o seu "bel" prazer. Nesse sentido, faltaria o Japão, portanto, dinamismo geopolítico e vontade política para assumir uma posição de destaque no cenário regional e internacional?(SILVEIRA, 2008).

De acordo com alguns analistas políticos, há basicamente duas opções para este país resolver suas indefinições como potência:
1º.) A sua remilitarização, que poderia lançar o país, segundo estes analistas, como superpotência, ao lado dos Estados Unidos; ou,
2º.) O avanço da política de desenvolvimento econômico, que daria continuidade à estratégia do pós-guerra.

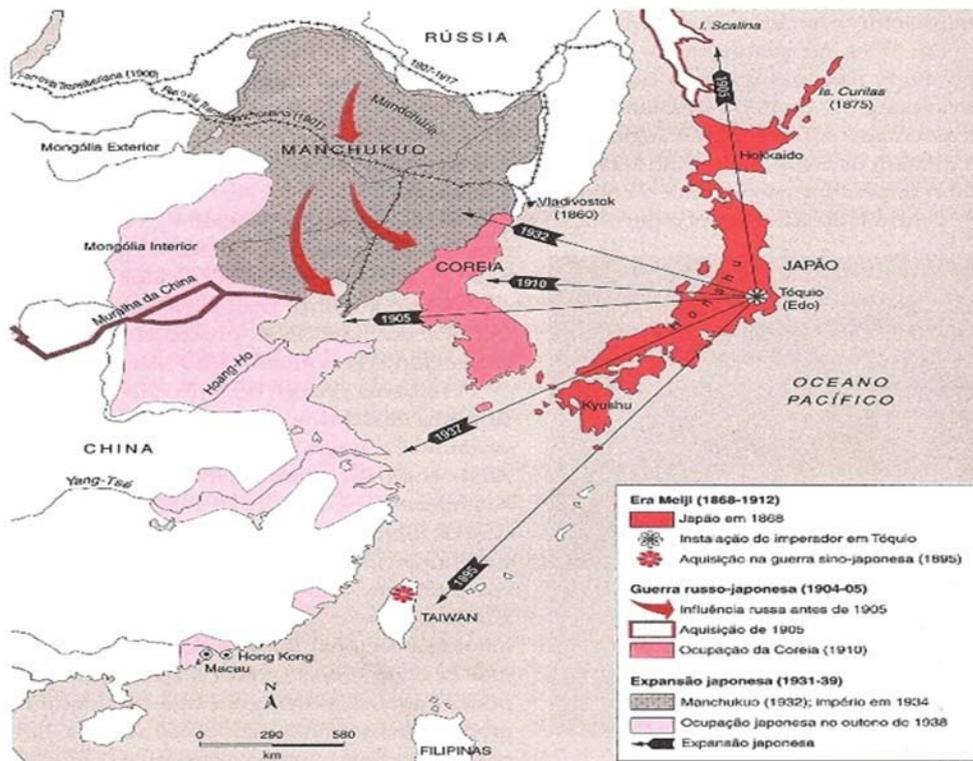
Para os defensores de uma das duas políticas, ou mesmo de ambas, o resultado seria o mesmo: a maior atuação do Japão em escala regional e global.

Ainda baseados nas idéias de Silveira (2008), percebemos que desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o Japão esteve politicamente mais próximo dos Estados Unidos do que do restante da Ásia, e a remilitarização serviria apenas para aumentar o isolamento japonês na região da Ásia-Pacífico. Assim sendo, para outros analistas políticos, a preocupação do Japão deve ser aprofundar a integração regional por meio do desenvolvimento econômico compartilhado, inclusive como forma de combater o poderio crescente dos chineses. Para empreender uma parceria mais estreita com os países da ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), por exemplo, o Japão tem feito contínuas referências à Doutrina Fukuda, proposta pelo primeiro ministro japonês, Takeo Fukuda, em 1997. Segundo sua doutrina, o Japão não deveria nunca mais aspirar à posição de potência militar devido à trágica experiência da Segunda Guerra Mundial. Além disso, o país teria de trabalhar para construir uma relação de confiança mútua com os países da ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), cujo caráter pacifista está na essência da criação da referida associação. Nesta perspectiva, a disponibilidade para um trabalho cooperativo em prol da estabilidade, do progresso e da paz na região é um desafio para um país que, desde a Segunda Guerra, e também por causa dela, tornou-se pacifista.

Para àqueles que apostam no crescimento e no desenvolvimento econômico como principal estratégia de inserção do país, a última década revelou um cenário novo, assustador e desafiador: a partir de 1989, uma forte crise atingiu o país. Essa crise econômica põe em xeque a capacidade da potência japonesa de competir com as economias norte-americana e européia, mas reforça, ao mesmo tempo, a tese de que o país deve se preocupar com o crescimento econômico, e não com a remilitarização (SILVEIRA, 2008).

No caso específico dessa crise no Japão, o país teve um crescimento muito grande na década de 1980 e os bancos passaram a investir uma grande soma de recursos no mercado imobiliário e na Bolsa de Valores de Tóquio. Houve assim uma supervalorização das ações das empresas e as terras no Japão atingiram preços elevadíssimos e o governo japonês não foi capaz

de controlar a especulação. Depois da referida supervalorização atingir um ponto insustentável, a venda rápida das ações e das terras acabou ocasionando uma queda brusca dos preços, causando prejuízos a diferentes setores da economia. Os bancos, por exemplo, não receberam muitos pagamentos referentes a empréstimos realizados por empresas. Essa foi considerada a maior crise especulativa vivida por um país desde a Segunda Guerra Mundial, e as conseqüências para o Japão foram catastróficas, tais como: recessão; crise política; diminuição acentuada do crescimento econômico; queda no consumo; menor crescimento de importações e exportações; crise no sistema bancário; taxas elevadas de desemprego. Mas, essa tempestade já passou e parece que os ventos sopraram, nos últimos anos, para outros cantos da Terra. Os países asiáticos, principalmente os Tigres, estão em situações muito mais confortáveis, do que, por exemplo, os países europeus e os Estados Unidos (MAGNOLI, 2008).

A esfera de influência japonesa (1868-1939)

(Fonte: MAGNOLI, Demetrio. O Mundo Contemporâneo, 2ª. edição, São Paulo: Atual, 2008).

Retrocedendo na história, Coggiola (2008) afirma que, a restauração do poder imperial no Japão, em 1868, inaugurou uma época de progresso que teve como base a capacidade deste país de combinar a tecnologia ocidental e o capitalismo com valores e tradições próprias. A restauração Meiji, iniciada em 1868, pôs o Japão na rota da modernização já referida neste conteúdo e no conteúdo da aula anterior, de forma gradativa, porém agressiva. Os japoneses não chamaram esse processo de revolução, preferindo o termo

restauração, um “regresso à normalidade”. Antes da Era Meiji, o xogum (chefe militar supremo) governava em lugar do imperador, que permanecia enclausurado, exercendo um poder meramente simbólico. O xogunato vinha se debilitando desde as primeiras décadas do século XIX. A velha ordem era ameaçada por revoltas camponesas e por uma prolongada crise fiscal. O país se mostrava impotente diante das pressões militares ocidentais para se abrir ao comércio internacional.

A oposição ao xogunato cresceu principalmente por parte dos daimiôs (grandes proprietários de terras) das regiões de Satsuma e Choshu, no sudoeste do país, relativamente distantes da capital. O novo imperador Mutsuito (depois conhecido como Meiji), assumiu o poder em janeiro de 1868, com apenas 16 anos de idade, no contexto de uma rebelião em que uma coligação de dirigentes regionais e de integrantes da nobreza puseram fim ao regime militar do xogum e restabeleceram o poder do imperador. O governo imperial recorreu à tradição para justificar o processo modernizante. Com o regresso dos registros de propriedade em agosto de 1869, estabeleceu-se uma estrutura semelhante a do século VIII, da Era Nara (COGGIOLA, 2008).

Os fatos históricos relatados podem servir para explicar alguns fatores presentes na constituição do Japão enquanto potência econômica do mundo contemporâneo. As relações com o mundo asiático se deu de forma colonialista e isso gerou, como vimos, a desconfiança das nações vizinhas. Mesmo assim, a dinâmica comercial do seu entorno é das maiores no mundo contemporâneo (Ver mapa acima).

CONCLUSÃO

Neste século, o Japão tem uma série de impasses a resolver, tais como:
a) Como intensificar suas relações com os outros países asiáticos e manter um equilíbrio com os Estados Unidos (que sempre buscam satisfazer seus próprios interesses na região)?
b) Como interagir coma China, um país que tem apresentado altas taxas de crescimento, um mercado consumidor extraordinário, mas que se configura como um concorrente na liderança geopolítica e econômica regional?
c) Como reparar as contradições de seu passado expansionista, que o país insiste em não reconhecer aberta e definitivamente?
d) Como restaurar seu sistema de autodefesa e continuar mantendo a posição pacifista?

As questões acima descritas nos revelam que, o Japão deverá combinar uma série de estratégias no âmbito nacional e regional, para ampliar sua posição estratégica de potência regional e mundial, redimensionado assim o seu papel na nova ordem mundial ou na Nova Divisão Internacional e Regional do Trabalho.

RESUMO

Dentre todas as civilizações ou nações orientais, a japonesa foi a única que conseguiu preservar sua autonomia diante do poder irresistível do ocidente capitalista. Enquanto a Índia, a China, a Pérsia, a Turquia e alguns Estados Árabes se submeteram ao domínio europeu e americano, o Japão foi capaz de se integrar ao circuito econômico mundial em seus próprios termos.

O contato com os estrangeiros, após os dois séculos do isolamento imposto pelos xoguns da Era Tokugawa, foi traumático – o Japão só se abriu diante da ameaça de um bombardeio pela esquadra americana do comodoro Matthew Perry, em 1854. O ultimato acelerou a crise do regime feudal e promoveu a mudança do regime político. A Era Meiji, inaugurada em 1868, impulsionou a transformação radical da sociedade. O país se ocidentalizou e mobilizou todas as suas energias no esforço da industrialização. No final do século XIX, já disputava os mercados asiáticos com o Ocidente. Mas a expansão econômica despertou também os sonhos de conquista da elite japonesa. O país passou a usar a força militar para ampliar sua influência na Ásia. O expansionismo japonês chocou-se com a resistência de outros povos e com os interesses britânicos e americanos, resultando na tragédia da Segunda Guerra Mundial (HISTÓRIA VIVA, 2008).

ATIVIDADES

Você já ouviu a música ROSA DE HIROSHIMA? Recomendamos com atividade a pesquisa da letra da música e a partir dela faça um análise comparativa de sua letra com a realidade desencadeada em território japonês no período da Segunda Guerra Mundial. Por que foi necessário a explosão da bomba atômica no Japão? E você o que pensa desse fato?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Este é um conteúdo instigante, por isso mesmo, deve ser complementado e aprofundado a partir de outras leituras, indicadas, inclusive, na bibliografia dessa aula. Estude, discuta com colegas ou pessoas que leram algo sobre esse conteúdo e tire conclusões sobre cada um dos fatos aqui estudados.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula estudaremos o seguinte conteúdo: "Austrália e Nova Zelândia: países desenvolvidos na Oceania".

AUTOAVALIAÇÃO

Para que o processo de aprendizagem seja efetivado recomenda-se um planejamento das ações a serem desenvolvidas com o intuito de assimilar o conteúdo apresentado nesta aula: quantas horas ou minutos tenho destinado para ler, pesquisar e entender este conteúdo? Será que estou conseguindo desenvolver o raciocínio dos autores quando resolveram tratar das questões postas?

REFERÊNCIAS

CASTELLIS, Manuel. A sociedade em rede, São Paulo: paz e Terra, 1999.
____________. Fim de Milênio – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume 3, 3ª. edição, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
COGGIOLA, Osvaldo. A Era Meiji: Uma Via Original para a Modernidade, In: História Viva. Japão: 500 anos de história/ 100 anos de imigração. Editor Igor Fuserl, São Paulo: Duetto Editorial, 2008.
FUSER, Igor. Milagre Japonês: Desenvolvimento Econômico Prodigioso, In: História Viva. Japão: 500 anos de história/ 100 anos de imigração. Editor Igor Fuserl, São Paulo: Duetto Editorial, 2008.
HISTÓRIA VIVA. Japão: 500 anos de história/ 100 anos de imigração. Editor Igor Fuserl, São Paulo: Duetto Editorial, 2008.
PAIM, A.. O Liberalismo Contemporâneo, 3ª. edição, Edições Humanidades, 2007.
SACALZARETTO, Reinaldo; MAGNOLI, Demétrio. Atlas: Geopolítica, São Paulo: Editora Scipione, 1996.
SILVEIRA, Ieda. A Geografia da Gente, 1ª. edição, Vol. 4, São Paulo: Editora Ática, 2003.
Site para consulta: www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/hist_6.html.
VESENTINI, J. William. Sociedade e Espaço: Geografia Geral e do Brasil, 44ª. edição, São Paulo: Ática de 2005.